



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

OS MAPAS JORNALÍSTICOS SOBRE AS UNIDADES DE POLÍCIA PACIFICADORA: UMA NARRATIVA MIDIÁTICA SOBRE A OCUPAÇÃO POLICIAL E MILITAR DE FAVELAS NO RIO DE JANEIRO

*JOURNALISTIC MAPS OF THE PACIFYING POLICE UNITS: A MEDIA NARRATIVE ABOUT THE
POLICE AND MILITARY OCCUPATION OF FAVELAS IN RIO DE JANEIRO*

(Recebido em 03-09-2024; Aceito em: 30-12-2024)

Liebert Rodrigues

Doutorando em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Brasil
liebertrodrigues@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é divulgar os resultados da pesquisa sobre o conjunto de 51 mapas publicados no jornal O Globo sobre as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) entre os anos de 2009 e 2016. As UPPs, implementadas em 2008 como uma política de segurança pública no Rio de Janeiro, foram amplamente criticadas por diversos trabalhos acadêmicos devido a casos de violência policial e interesses econômicos associados à valorização imobiliária e grandes eventos esportivos. O estudo foca na análise dos mapas e do contexto discursivo em que estão inseridos, problematizando a representação da favela pela mídia hegemônica pelo viés do crime e da violência. A pesquisa envolveu a coleta sistemática de notícias e mapas no acervo do jornal, gerando dados quantitativos que revelaram padrões na utilização dos mapas no noticiário sobre as UPPs. Na análise qualitativa, baseada nos pressupostos teóricos e conceituais da cartografia crítica, buscou-se interpretar os silêncios e hierarquias visuais destes mapas a partir dos seus elementos pictóricos decorativos e símbolos cartográficos figurativos. Os resultados indicaram que o discurso de guerra associado às UPPs impulsionou a publicação de mapas nas páginas do referido jornal, indicando também uma mudança na forma de representação das favelas em mapas jornalísticos, que passaram de áreas associadas ao crime e às facções criminosas para zonas de intervenção estatal com forte presença policial. O presente trabalho produz um ponto de vista acadêmico sobre como veículos midiáticos de grande porte se apropriam de mapas para construir narrativas espaciais sobre territórios historicamente criminalizados e estigmatizados.

Palavras-chave: Mapas jornalísticos; favela; Unidade de Polícia Pacificadora; cartografia crítica; violência urbana.

Abstract

The objective of this article is to disseminate the results of research on a set of 51 maps published in the newspaper O Globo on the Pacifying Police Units between 2009 and 2016. The Pacifying Police Units, implemented in 2008 as a public security policy in Rio de Janeiro, were widely criticized in various academic works due to instances of police violence and economic interests linked to real estate appreciation and major sporting events. The study focuses on analyzing the maps and the discursive context in which they are presented, problematizing the representation of favelas by the hegemonic media through the lens of crime and violence. The research involved the systematic

collection of news articles and maps from the newspaper's archives, generating quantitative data that revealed patterns in the use of maps in the news about the Pacifying Police Units. In the qualitative analysis, grounded in the theoretical and conceptual assumptions of critical cartography, we sought to interpret the silences and visual hierarchies of these maps based on their decorative pictorial elements and figurative cartographic symbols. The results indicated that the war discourse associated with the Pacifying Police Units increased the publication of maps in the pages of the aforementioned newspaper, also pointing to a shift in how favelas were represented in journalistic maps, which went from areas associated with crime and criminal gangs to areas of state intervention characterized by a strong police presence. This article contributes an academic perspective on how large media outlets utilize maps to construct spatial narratives about historically criminalized and stigmatized territories.

Key words: *Journalistic maps; favelas; Pacifying Police Units; critical cartography; urban violence.*

Introdução

O objeto de pesquisa deste trabalho¹ é o conjunto de 51 mapas publicados no jornal O Globo sobre as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) entre os anos de 2009 e 2016. A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) foi uma política de segurança pública implementada em 2008 pelo então governador Sérgio Cabral Filho, sendo descrita pelos canais midiáticos oficiais como um novo modelo de intervenção policial para a ocupação territorial de favelas na cidade do Rio de Janeiro². As UPPs foram extensivamente estudadas e analisadas em diversos trabalhos acadêmicos, dentre os quais foram produzidos pontos de vista críticos em relação à chamada “pacificação” (SOUZA, 2012; BRITO e OLIVEIRA, 2013; LEITE, 2014; MACHADO DA SILVA, 2015; FRANCO, 2018). Se debateu nestes trabalhos os casos de violências praticadas por policiais das UPPs e das forças armadas contra moradores de favelas: assassinatos, ocultação de cadáveres, agressões físicas, intimidações, proibição de festas e manifestações, toque de recolher, revistas humilhantes, assédio sexual, invasões domiciliares e roubos. Também se descreveu a associação íntima entre a “pacificação” e diversos interesses econômicos privados, a exemplo da valorização dos imóveis no entorno das favelas “pacificadas” e da exploração econômica de grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 (BARREIRA, 2013). Identificou-se também a seletividade na escolha das favelas que receberam UPPs, em sua maior parte localizadas em bairros de maior valorização imobiliária e áreas turísticas (CANO e RIBEIRO, 2014). Quinze anos após a implementação das primeiras UPPs, o balanço crítico sobre essa política revela um cenário de fracasso. O poder público debateu a redução e até a possível extinção das UPPs³, enquanto que a gestão do governador

¹ O presente artigo resulta de uma pesquisa realizada para dissertação de mestrado em Geografia (RODRIGUES, 2017), orientada pelo Prof.º Dr. André Reyes Novaes e concluída em 2017. Os resultados da pesquisa documental, assim como a fundamentação teórico-metodológica e os procedimentos de coleta e análise de dados não foram publicados anteriormente. Embora alguns aspectos específicos da dissertação tenham sido discutidos em artigos anteriores (RODRIGUES, 2016), nenhum abordou o objeto principal da pesquisa nem o processo metodológico detalhado envolvido na análise documental.

² Disponível em: (http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp), data de acesso: 10 de junho de 2015.

³ Disponível em: (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-02/alerj-aprova-em-primeira-discussao-projeto-que-preve-fim-das-upps>), data de acesso: 15 de junho de 2023.

Cláudio Castro introduziu o programa Cidade Integrada⁴, apresentado pela imprensa como um novo modelo de ocupação policial nas favelas. Na prática, no entanto, este programa parece dar continuidade às UPPs, acrescentando a intenção de instalar câmeras de segurança com tecnologias avançadas, como detecção facial, leitura de placas de veículos e contagem de pessoas⁵.

O objetivo desta pesquisa foi analisar os mapas sobre as UPPs publicados no jornal O Globo, abrangendo tanto seus aspectos visuais quanto o contexto discursivo em que estão inseridos. A questão problemática que motivou esta pesquisa foi a representação histórica da favela nos meios midiáticos hegemônicos, frequentemente descrita por estes “*como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano*” (ZALUAR e ALVITO, 1998, p. 14). Historicamente, a favela tem sido criminalizada e retratada predominantemente nas colunas policiais, sendo estigmatizada como um lugar de perigo, crime e desordem (ABREU, 1994). Para compreender a representação das favelas nos mapas jornalísticos, é crucial reconhecer que, desde o início do século XX, a mídia contribuiu para a construção da imagem da favela carioca como um locus de desordem e violência. Conforme observado por Zaluar e Alvito (1998), “*já no início deste século os morros da cidade eram vistos pela polícia e alguns setores da população como locais perigosos e refúgios de criminosos*” (p. 10).

Nos primeiros mapas que representaram as favelas, publicados no contexto das grandes reformas urbanísticas do início do século XX, observou-se um silenciamento em relação a essas áreas, frequentemente retratadas como vazias e efêmeras, sujeitas a desaparecer com a continuidade das reformas urbanísticas (NOVAES, 2014). Essa forma de representação persistiu até meados da década de 1970, quando os mapas jornalísticos passaram a dar maior visibilidade às favelas. Nessa abordagem, as favelas foram associadas exclusivamente ao crime, às drogas ilícitas e ao narcotráfico, passando “*a ocupar um lugar de destaque nos mapas jornalísticos, como territórios dominados por gangues rivais competindo pelos principais pontos de venda de drogas na cidade*” (NOVAES, 2014, p. 12). Com o advento das UPPs, a representação das favelas em mapas jornalísticos passou a mudar significativamente: anteriormente vistas como “estados paralelos” controlados por narcotraficantes, as favelas começaram a ser retratadas como áreas de intervenção estatal, marcadas pela presença policial. Novaes (2014) observou que essas intervenções tiveram um impacto significativo na forma como os mapas jornalísticos passaram a abordar as favelas. Marcelo Lopes de Souza (2012) notou uma proliferação de mapas especificamente relacionados às notícias sobre as UPPs, refletindo a intensificação da cobertura midiática sobre o tema, reconhecendo que

⁴ Disponível em: (<https://extra.globo.com/casos-de-policia/de-olho-na-eleicao-de-2022-castro-promete-repaginacao-nas-upps-mas-sem-ocupar-novas-comunidades-25016943.html>), data de acesso: 14 de junho de 2023.

⁵ Disponível em: (<https://g1.globo.com/ri/rio-de-janeiro/noticia/2022/03/29/cidade-integrada-estudo-estima-custo-projeto-cameras-entorno-jacarezinho.ghtml>), data de acesso: 14 de junho de 2023.

jamais se viu antes, nos grandes jornais (em especial n'O Globo e na Folha de São Paulo), tamanha profusão de mapas: alguns apenas com a localização dos 'territórios a serem reconquistados' pelo Estado, outros com um acompanhamento da geografia do avanço das 'forças da ordem'. (p. 118)

O jornal O Globo, parte das Organizações Globo, foi o veículo midiático cujos mapas foram analisados neste estudo. O jornal foi um defensor das UPPs, apoiando e promovendo a política de militarização das favelas pelo Estado⁶. De acordo com Pereira (2020), "o jornal O Globo atuou na legitimação discursiva das UPPs, no sentido de que realçou os seus pontos positivos, obscureceu os negativos e privilegiou declarações de agentes do Estado" (p. 387). Sobre o mesmo veículo midiático, Rocha e Palermo (2015) reconheceram que "nas matérias após a implantação da UPP, o destaque está nos aspectos positivos" (p. 39), de forma que "as tensões e críticas sejam tratadas como ruídos menores em um cenário 'pacificado'" (Ibid.). Devido ao vasto alcance das Organizações Globo em todo o Brasil, o jornal tem exercido uma posição de destaque no cenário jornalístico nacional, influenciando significativamente a opinião pública. Consequentemente, a perspectiva otimista sobre as UPPs veiculada pelo O Globo contribuiu para encobrir os efeitos adversos da política de "pacificação", particularmente aqueles que impactaram os moradores das favelas, historicamente silenciados no contexto político e social do Rio de Janeiro. Dentro desse noticiário, os mapas tiveram uma presença notável, compondo junto com as fotografias e infográficos o *hall* de imagens produzidas para acompanhar as notícias sobre as UPPs.

Aspectos teóricos e conceituais sobre os mapas jornalísticos

De acordo com John Brian Harley (1991), o mapa é uma forma particular de representação gráfica, "que facilita a compreensão espacial de objetos, conceitos, condições, processos e fatos do mundo humano" (p.5). Embora os mapas jornalísticos sejam, em essência, mapas, eles também são imagens produzidas para serem "lidas" de maneira fácil e rápida (GREEN, 1999), assim como as notícias. Os mapas se distinguem das demais imagens presentes nos jornais por sua função como ferramentas geográficas destinadas à produção e disseminação de conhecimento espacial.

Para a compreensão conceitual dos mapas, adotamos a cartografia crítica como base teórica. Os estudiosos dessa abordagem começaram a desconstruir a visão dos mapas como meros reflexos da realidade, passando a considerar a cartografia como uma construção social imbuída de poder (AZÓCAR e BUCHROITHNER, 2014). No exercício de crítica aos mapas, o objetivo da cartografia crítica não é apontar erros nos mapas e nem invalidá-los, e sim analisar as relações políticas, culturais e sociais de poder no pensamento cartográfico (CRAMPTON e KRYGIER, 2006). De acordo com

⁶ De acordo com a matéria "A crise nas UPPs", por Sylvia Debossan Moretzsohn, "nada arranca a imagem das UPPs" nas notícias veiculadas pelas Organizações Globo". Disponível em: (http://www.observatoriadimprensa.com.br/news/view/a_crise_nas_upps/), data de acesso: 14 de abril de 2014.

Crampton e Krygier (2006), os autores da cartografia crítica direcionaram sua crítica à tentativa da cartografia acadêmica da segunda metade do século XX de criar representações cada vez mais precisas de uma realidade preexistente. Em contraste, a cartografia crítica não busca simplesmente representar essa realidade, mas reconhece que “*mapas produzem realidade tanto quanto a representam*” (CRAMPTON e KRYGIER, 2006, p. 14).

De acordo com Jeremy Crampton (2010), a prática de mapeamento é caracterizada por uma seletividade intrínseca e envolve “*o que escolhemos representar, como escolhemos representar objetos como pessoas e coisas, e quais decisões são feitas com essas representações*” (CRAMPTON, 2010, p. 41). Assim sendo, “*o mapeamento cria um conhecimento espacial específico através da identificação, denominação, categorização, exclusão e ordenação*” (Ibid., p. 45). Conforme argumenta Denis Wood (2010), a decisão sobre o que será mapeado é arbitrária e reflete os interesses dos mapeadores, influenciando tanto a seleção dos elementos a serem espacializados quanto a forma como são representados visualmente.

John Brian Harley, pioneiro da cartografia crítica, propôs a desconstrução dos mapas com o objetivo de desmantelar a noção de que o mapa representa a realidade do espaço, pois “*frequentemente tendemos a trabalhar a partir da premissa de que os mapeadores se dedicam a uma forma de criação de conhecimento inquestionavelmente ‘científica’ ou ‘objetiva’*” (HARLEY, 1989, p. 1). Essa desconstrução permitiu, dentro da história da cartografia, “*desafiar o mito epistemológico (criado pelos cartógrafos) do progresso cumulativo de uma ciência objetiva sempre produzindo melhores delinearções da realidade*” (HARLEY, 1989, p. 13). Considerando o mapa enquanto uma construção discursiva, Harley (2009) criticou a cartografia enquanto uma busca imparcial por mapas cada vez mais eficientes na descrição da realidade, defendendo que os mapas aceitos como científicos e precisos não são menos arbitrários que os mapas ditos decorativos ou artísticos.

Harley (2009) identificou estruturas subjacentes nos mapas, destacando o papel dos silêncios e das hierarquias na representação cartográfica. O conceito de “silêncio” como um recurso discursivo é central no trabalho de Harley, que argumenta que “*assim como certos exemplos de escritas ou de falas, os mapas exercem uma influência social, tanto por suas omissões quanto pelos elementos que elas representam e valorizam*” (HARLEY, 2009, p. 12). Em relação às hierarquias nos mapas, Harley (2009) enfatiza seu papel como representações políticas, utilizando símbolos cartográficos para classificar e estratificar elementos sociais com base em seu tamanho ou nível de detalhamento visual. A prática de hierarquizar visualmente os símbolos cartográficos, segundo Harley (2009), funcionou como uma afirmação de poder sobre os territórios.

Se os mapas são frequentemente vistos como imagens com autoridade e credibilidade na representação do espaço, os mapas jornalísticos, inseridos em veículos midiáticos que se apresentam como neutros e factuais, desempenham um papel específico, considerando-se as funções do jornal em *fazer-saber*, onde a “*Finalidade dominante do discurso do jornal é a de produzir um efeito real*” (MOUILAUD e PORTO, 2002, p. 27), e *fazer-crer*, onde o discurso se faz pelo “*recurso a um argumento de autoridade, que se fundamente na credibilidade do enunciador e na credulidade do leitor*” (Ibid., p. 27). Nesse contexto, a relevância dos mapas jornalísticos reside na sua aceitação cultural como representações de conhecimento espacial que são percebidas como factuais dentro de um meio que se apresenta como um construtor de “verdades”.

Conforme apontado por André Novaes (2010), “*As informações geográficas são comunicadas na imprensa através de meios distintos, porém, ao representarem um espaço desconhecido para a maioria de seus leitores, os jornais geralmente valorizam um tipo peculiar de imagem: os mapas*” (p. 3). Nesse contexto, os mapas têm a capacidade de comunicar informações geográficas com um alto grau de credibilidade, sendo amplamente considerados como ferramentas que representam o espaço de forma fiel, o que contribui para a construção de imaginários “*confiáveis*” sobre os locais retratados. Esta função é particularmente relevante quando a imprensa representa espaços que não são vividos diretamente por seu público-alvo. No caso das favelas, representadas nos mapas jornalísticos do presente trabalho, os “*discursos [midiáticos] auxiliarão na construção de uma representação coletiva da ‘população do asfalto’ que não vivencia diretamente os problemas e as virtudes do lugar, porém, constrói uma imagem sobre a favela*” (CARDOSO, 2015, p. 154). Dessa forma, a percepção pública das favelas é majoritariamente moldada não por experiências diretas, mas pela grande mídia, que constrói seus discursos a partir de uma perspectiva externa em relação a esses territórios. Essa abordagem midiática pode exercer uma influência substancial na maneira como o público concebe e interpreta esses espaços.

Os mapas do jornal *O Globo* sobre as *Unidades de Polícia Pacificadora*: método, análise e resultados

O objeto de pesquisa principal que apresentamos neste artigo é o conjunto de mapas do jornal *O Globo* sobre as UPPs. A coleta destes mapas foi realizada no Acervo Digital do Jornal *O Globo*⁷, de onde foram coletados 51 mapas e 688 páginas sobre o tema em questão, conforme os dados da Tabela 1. A primeira menção à UPP no jornal ocorreu no ano de 2008⁸, e o primeiro mapa foi

⁷ Disponível em: (<https://oglobo.globo.com/acervo/>), data de acesso: 31 de dezembro de 2016.

⁸ Unidade da PM em prédio de creche gera protestos no Morro Dona Marta. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2008. c. Rio, p. 15.

publicado somente em 2009⁹. A pesquisa no Acervo Digital do *O Globo* sobre mapas e notícias relacionados às UPPs foi concluída em 31 de dezembro de 2016, marcando o término do período investigado.

Tabela 1: Dados sobre a presença de mapas sobre as UPPs no jornal *O Globo* (2008-2016)

Ano	Páginas sobre as UPPs	Páginas sobre as UPPs com mapa	Porcentagem de páginas com mapa
2008	15	-	-
2009	68	6	≈ 8,82 %
2010	174	23	≈ 13,22%
2011	68	8	≈ 11,76%
2012	32	4	12,50%
2013	94	4	≈ 4,25%
2014	154	5	≈ 3,25%
2015	75	3	4%
2016 ¹⁰	8	-	-
Total	688	53	≈ 7,70%

Fonte: O autor (2017).

Na Tabela 1 observou-se que a concentração de mapas no ano de 2010 foi um dado notável, visto que cerca de 40% dos mapas do conjunto foram publicados nesse ano. Observou-se também que, nas notícias do jornal *O Globo* sobre as UPPs, a presença de mapas não foi sempre proporcional ao volume de notícias, especialmente quando comparados os anos de 2010 e 2014. Em outras palavras, o aumento na quantidade de notícias sobre as UPPs não necessariamente resultou em uma maior frequência de mapas nas páginas do jornal. Para identificar padrões na inclusão de mapas nas notícias do *O Globo* sobre as UPPs e compreender os fatores que estimularam ou desestimularam o uso de mapas em reportagens, o conjunto de notícias e mapas foi segmentado em quatro fases. A definição dessas fases baseou-se nas variações das tendências discursivas do jornal sobre o tema, bem como nas características específicas dos mapas apresentados em cada período.

Neste trabalho, o método quantitativo de levantamento de dados sobre os mapas e as notícias foi articulado aos métodos qualitativos para a análise deste conjunto de mapas e notícias. A análise destes mapas jornalísticos foi realizada com base nos fundamentos teóricos e conceituais da cartografia crítica, especialmente as categorias de silêncio e hierarquia (HARLEY, 2009), e na metodologia visual de Gillian Rose (2001), que sugeriu algumas diretrizes para se interpretar as imagens: olhar para o invisível da mesma forma que o visível e identificar temas-chave, sejam elas palavras ou imagens, no sentido de verificar a sua recorrência. Assim, analisamos os dados

⁹ Paz nas favelas para os Jogos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 08 out. 2009. c. Rio, p. 12.

¹⁰ A coleta no ano de 2016 foi realizada somente até o mês de setembro.

quantitativos notáveis sobre o conjunto de mapas jornalísticos em diálogo com a análise qualitativa destes, o que produziu os resultados aqui apresentados.

A Fase 1 (Tabela 2) abrange os primórdios das UPPs e teve um forte caráter de apresentação desta forma de policiamento ao leitor, já que naquela época o programa estava se iniciando e em plena fase de expansão nas áreas turísticas e de maior valor imobiliário do Rio de Janeiro. Durante esse período, o jornal deu destaque aos benefícios da UPP para o “asfalto”, seja pela sensação de segurança (inclusive para os grandes eventos esportivos a serem realizados na cidade) ou pela valorização imobiliária. A função declarada da maioria dos mapas da Fase 1 é a de localizar as unidades no contexto da cidade do Rio de Janeiro: “conheça”, “saiba” e “onde” são termos comuns nos títulos desses mapas.

Tabela 2: Lista de mapas da Fase 1

Mapa	Título	Data
#1	Conheça os planos do governo ¹¹	8/10/2009
#2	Onde ficam as UPPs ¹²	1/12/2009
#3	Saiba mais sobre a atuação da polícia ¹³	1/12/2009
#4	Saiba onde fica ¹⁴	3/12/2009
#5	As favelas livres do controle do tráfico ¹⁵	24/12/2009
#6	O mapa da pacificação ¹⁶	24/12/2009
#7	Um bairro cercado por favelas ¹⁷	27/04/2010
#8	O mapa do novo policiamento ¹⁸	28/04/2010
#9	Onde vão ficar as unidades ¹⁹	4/05/2010
#10	A segurança rumo à Zona Norte ²⁰	4/05/2010
#11	O refúgio do crime ²¹	20/06/2010
#12	O mapa da pacificação ²²	15/10/2010

Fonte: O autor (2017).

Na Fase 1, dois mapas exemplificam a estigmatização histórica das favelas como epicentros do crime, conforme reproduzida pela mídia: “Um bairro cercado por favelas” (mapa #7) e “O refúgio do crime” (mapa #11), que retrataram as favelas como territórios substancialmente violentos e ameaçadores. Em contraste, termos como “pacificação” e “segurança” aparecem em vários títulos de mapas dessa fase (#6, #10 e #12) e permeiam significativamente o discurso jornalístico.

¹¹ Paz nas favelas para os Jogos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 out. 2009. c. Rio, p. 12.

¹² PM ocupa mais duas favelas da Zona Sul para expulsar o tráfico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 dez. 2009. c. Primeiro Caderno, p. 1.

¹³ Paz à vista em mais duas favelas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 dez. 2009. c. Rio, p. 16.

¹⁴ ‘Estou avisando para os traficantes irem embora’. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 dez. 2009. c. Rio, p. 15.

¹⁵ Tá tudo dominado... pela polícia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 dez. 2009. c. Primeiro Caderno, p. 1.

¹⁶ A paz reconquistada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 dez. 2009. c. Rio, p. 10.

¹⁷ O desafio de chegar à Tijuca. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 abr. 2010. c. Rio, p. 12.

¹⁸ Uma UPP em cinco frentes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 abr. 2010. c. Rio, p. 13.

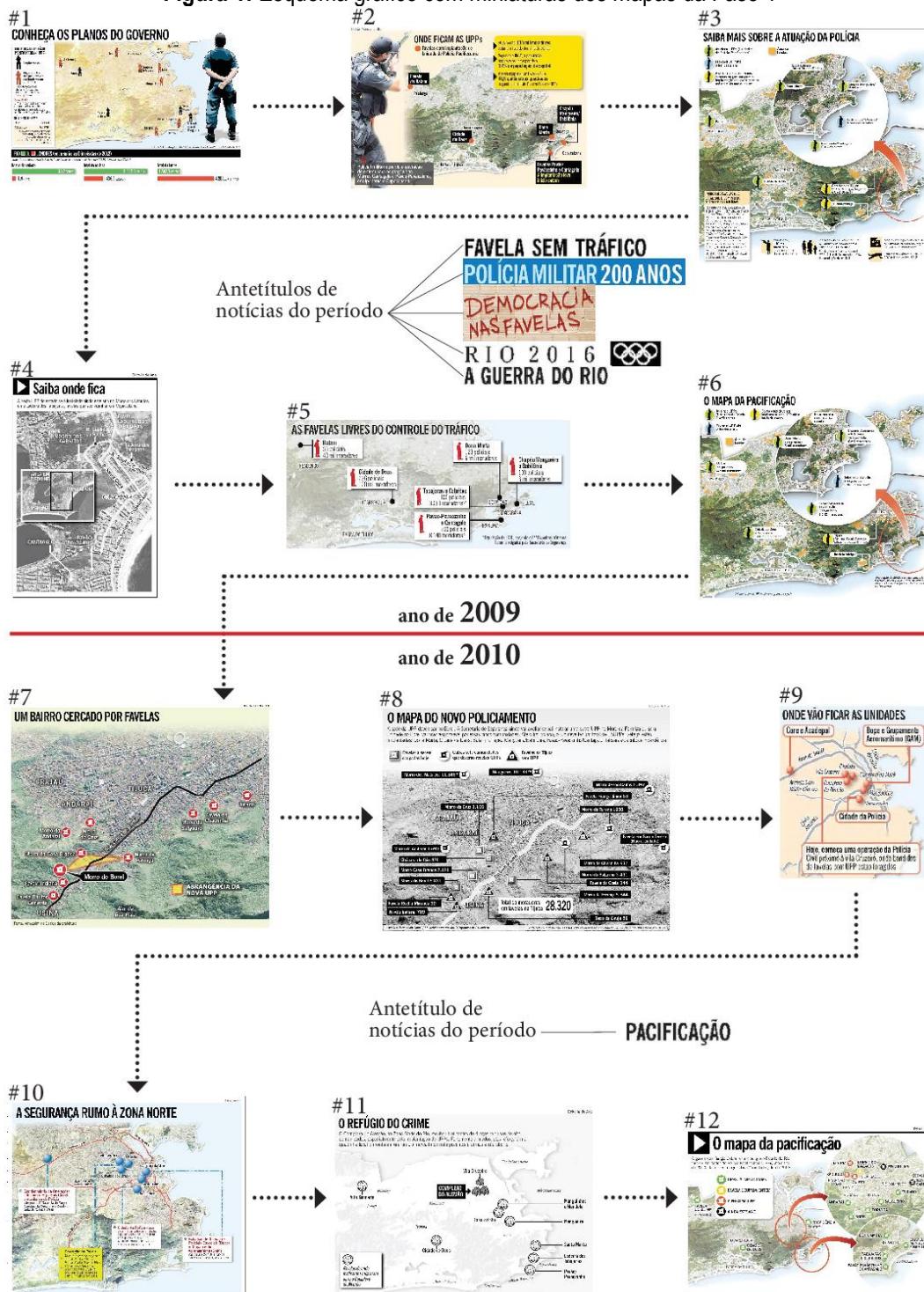
¹⁹ Novas medidas fecham cerco aos traficantes na Zona Norte. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 mai. 2010. c. Primeiro Caderno, p. 1.

²⁰ Cercos à Faixa de Gaza. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 mai. 2010. c. Rio, p. 13.

²¹ Cidadela do Tráfico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 jun. 2010. c. Rio, p. 17.

²² Vila Isabel comemora a ocupação do morro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 out. 2010. c. Rio, p. 20.

Figura 1: Esquema gráfico com miniaturas dos mapas da Fase 1



Fonte: O autor, baseado em mapas do conjunto (2017).

A Fase 2 (Tabela 3) é o período mais peculiar do conjunto, onde *O Globo* publicou os maiores e mais elaborados mapas, com frequência muita acima da média de todo o recorte temporal da pesquisa. Essa fase coincide com a megaoperação de ocupação policial e militar do Complexo da Penha, Complexo do Alemão e Vila Cruzeiro, momento que o jornal noticiou como “A guerra do Rio” e

“Dia D da guerra ao tráfico”²³, no qual os acontecimentos relativos às UPPs ganharam visibilidade mundial²⁴.

Tabela 3: Lista de mapas da Fase 2

Mapa	Título	Data
#13	A guerra do Rio ²⁵	25/11/2010
#14	O mapa dos ataques ²⁶	25/11/2010
#15	O mapas dos ataques ocorridos apenas ontem ²⁷	26/11/2010
#16	Conheça o cenário da batalha de ontem ²⁸	26/11/2010
#17	A mancha dos ataques de domingo a quarta em relação à localização das UPPs ²⁹	26/11/2010
#18	Conheça a região ³⁰	27/11/2010
#19	Conheça o projeto ³¹	28/11/2010
#20	Saiba mais sobre a operação ³²	28/11/2010
#21	Como foi a conquista do Complexo do Alemão ³³	29/11/2010
#22	O caminho das UPPs ³⁴	30/11/2010
#23	A batalha de Itararé ³⁵	1/12/2010
#24	Rota de fuga ³⁶	1/12/2010
#25	Conheça a região do ataque ³⁷	2/12/2010

Fonte: O autor (2017).

Nos títulos dos mapas da Fase 2 pode-se observar o uso de termos como “guerra”, “ataques”, “batalha” e “conquista”, recorrentes também ao longo de todo o discurso jornalístico deste período, que noticia o conflito armado decorrente da ocupação policial-militar de favelas como se fosse uma guerra de fato. Essa tendência é particularmente evidente nos mapas #16 e #21, os dois maiores do conjunto – cada um destes ocupou duas páginas inteiras do jornal. Estes dois mapas se destacaram também pela complexidade visual, apresentando detalhadamente diversos armamentos e veículos militares, bem como os movimentos táticos da polícia e das forças armadas dentro da favela.

²³ O Dia D da guerra ao tráfico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Rio, p. 1.

²⁴ Invasão de favela corre o mundo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Especial, p. 14.

²⁵ PM avança para ocupar o bunker do tráfico na Penha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. c. Primeiro Caderno, p. 1.

²⁶ PMs de férias poderão ser convocados para reforçar ações contra traficantes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. c. Rio, p. 19.

²⁷ Homem é preso com gasolina. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Especial, p. 7.

²⁸ Conheça o cenário da batalha de ontem. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Especial, p. 8 e 9.

²⁹ UPPs reduzem ataques na Zona Sul do Rio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Rio, p. 11.

³⁰ Mata no alto da Serra da Misericórdia é estratégica para ocupação de favelas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. c. Rio, p. 19.

³¹ A hora do social e do urbanismo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010. c. Rio, p. 16.

³² Analistas aprovam tática de cerco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010. c. Especial, p. 4.

³³ Como foi a conquista do Complexo do Alemão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. c. Especial, p. 10 e 11.

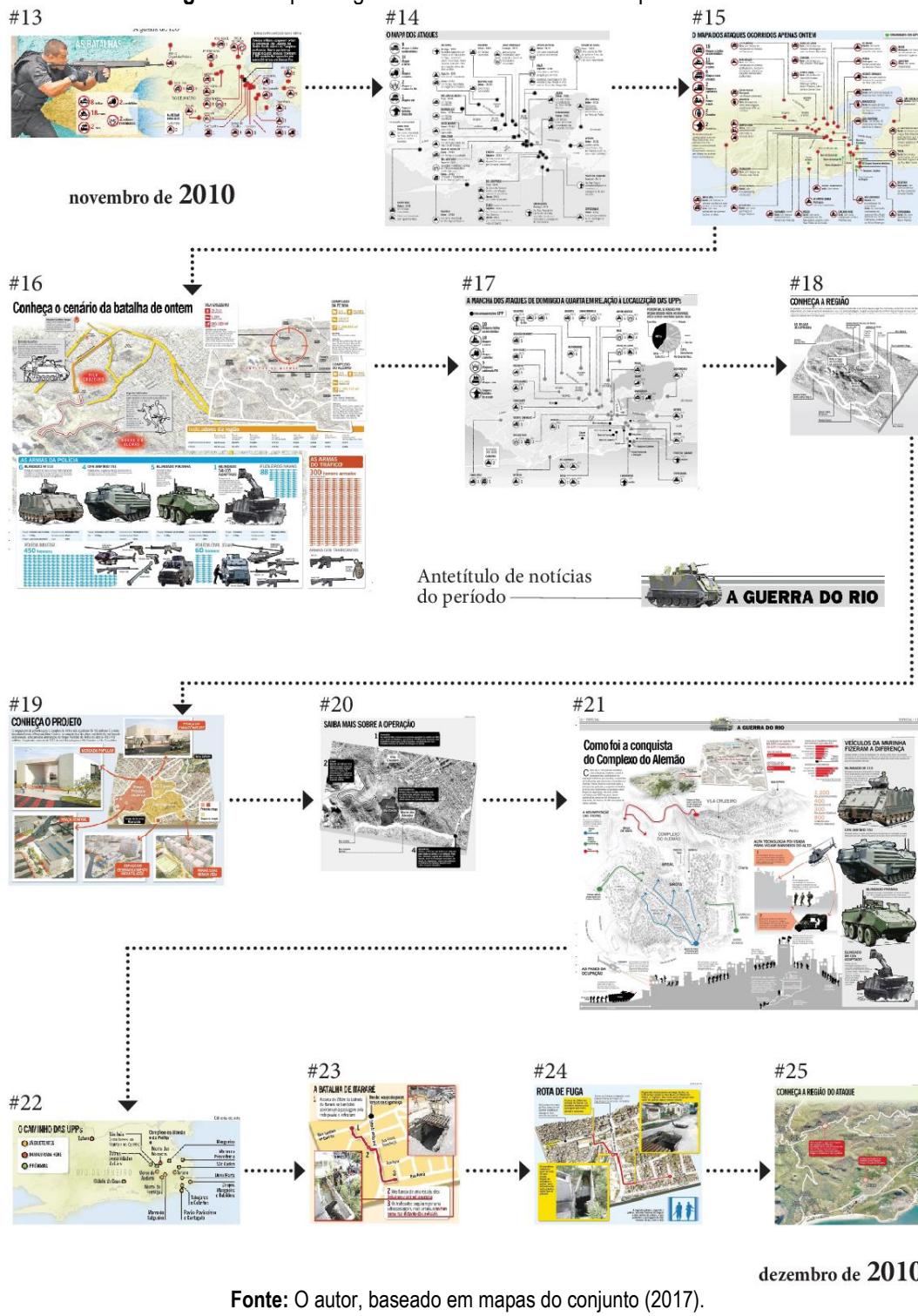
³⁴ Exército pode ficar 7 meses no Alemão, até a nova UPP. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 nov. 2010. c. Primeiro Caderno, p. 1.

³⁵ Tráfico usou serviços públicos para sair com armas do Alemão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 dez. 2010. c. Primeiro Caderno, p. 1.

³⁶ Os subterrâneos do crime. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 dez. 2010. c. Rio, p. 14.

³⁷ Caçada na Floresta da Tijuca. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 dez. 2010. c. Rio, p. 18.

Figura 2: Esquema gráfico com miniaturas dos mapas da Fase 2



Fonte: O autor, baseado em mapas do conjunto (2017).

A Fase 3 (Tabela 4) é a de maior duração, com início em dezembro de 2010 e término em dezembro de 2013, sendo também o período no qual o discurso jornalístico do *O Globo* tentou transmitir maior estabilidade. Durante esta fase, após o período denominado “guerra do Rio”, o discurso jornalístico passou a retratar a “pacificação” como uma política consolidada, apresentando a

UPP como uma estratégia de segurança estável que mantinha a favela sob um controle renovado e efetivo.

Tabela 4: Lista de mapas da Fase 3

Mapa	Título	Data
#26	O mapa das favelas sob o controle do crime ³⁸	12/12/2010
#27	Conheça as pesquisas ³⁹	14/12/2010
#28	A área da próxima UPP ⁴⁰	2/02/2011
#29	As comunidades ocupadas ontem ⁴¹	7/02/2011
#30	O mapa da ocupação ⁴²	7/02/2011
#31	O mapa da retomada de favelas ⁴³	20/05/2011
#32	A nova estratégia do Exército ⁴⁴	9/09/2011
#33	Conheças os índices de criminalidade ⁴⁵	15/09/2011
#34	O cinturão de segurança ⁴⁶	3/11/2011
#35	O passo a passo da missão ⁴⁷	14/11/2011
#36	Alguns exemplos dos efeitos da pacificação ⁴⁸	3/01/2012
#37	Saiba mais sobre o plano operacional ⁴⁹	16/03/2012
#38	Como será a ocupação policial ⁵⁰	21/09/2012
#39	Onde estão as maiores diferenças ⁵¹	11/11/2012
#40	O mapa da pacificação ⁵²	30/04/2013
#41	Onde aconteceu a operação ⁵³	26/06/2013
#42	Saiba onde ficam as comunidades do Complexo ⁵⁴	3/10/2013
#43	As UPPs em números ⁵⁵	8/12/2013

Fonte: O autor (2017).

Diversos mapas da Fase 3 incluíram dados estatísticos sobre determinados efeitos da “pacificação” de favelas, geralmente relativos à diminuição dos índices de criminalidade no “asfalto”. Em comparação com a grande mobilização de recursos gráficos nos mapas da fase anterior, na Fase 3 os elementos pictóricos figurativos nos mapas se reduziram drasticamente. A maior parte dos mapas desta fase ($\approx 88,88\%$) se apresentaram de forma mais austera e sem elementos decorativos.

³⁸ Projeto dá voz a morador de áreas dominadas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 dez. 2010. c. Rio, p. 19.

³⁹ Pesquisa mostra diferenças sociais em favelas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 dez. 2010. c. Rio, p. 15.

⁴⁰ PM ocupa Santa Teresa até 2^a feira. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 fev. 2011. c. Primeiro Caderno, p. 1.

⁴¹ Polícia ocupa nove favelas em menos de duas horas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 fev. 2011. c. Primeiro Caderno, p. 1.

⁴² A liberdade é azul. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 fev. 2011. c. Rio, p. 9.

⁴³ Sinal verde e rosa para a UPP. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 mai. 2011. c. Rio, p. 14.

⁴⁴ Ajustes na pacificação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 set. 2011. c. Rio, p. 12.

⁴⁵ ISP: áreas de UPPs têm redução de crimes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 set. 2011. c. Rio, p. 18.

⁴⁶ No ritmo da pacificação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 nov. 2011. c. Rio, p. 10.

⁴⁷ O passo a passo da missão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 nov. 2011. c. Rio, p. 13.

⁴⁸ E da paz fez-se a luz. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 jan. 2012. c. Rio, p. 9.

⁴⁹ A estratégia do Alemão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 mar. 2012. c. Rio, p. 16.

⁵⁰ Olhos atentos na Rocinha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 set. 2012. c. Rio, p. 14.

⁵¹ Liberdade política é reforçada com UPPs. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 nov. 2012. c. Rio, p. 10.

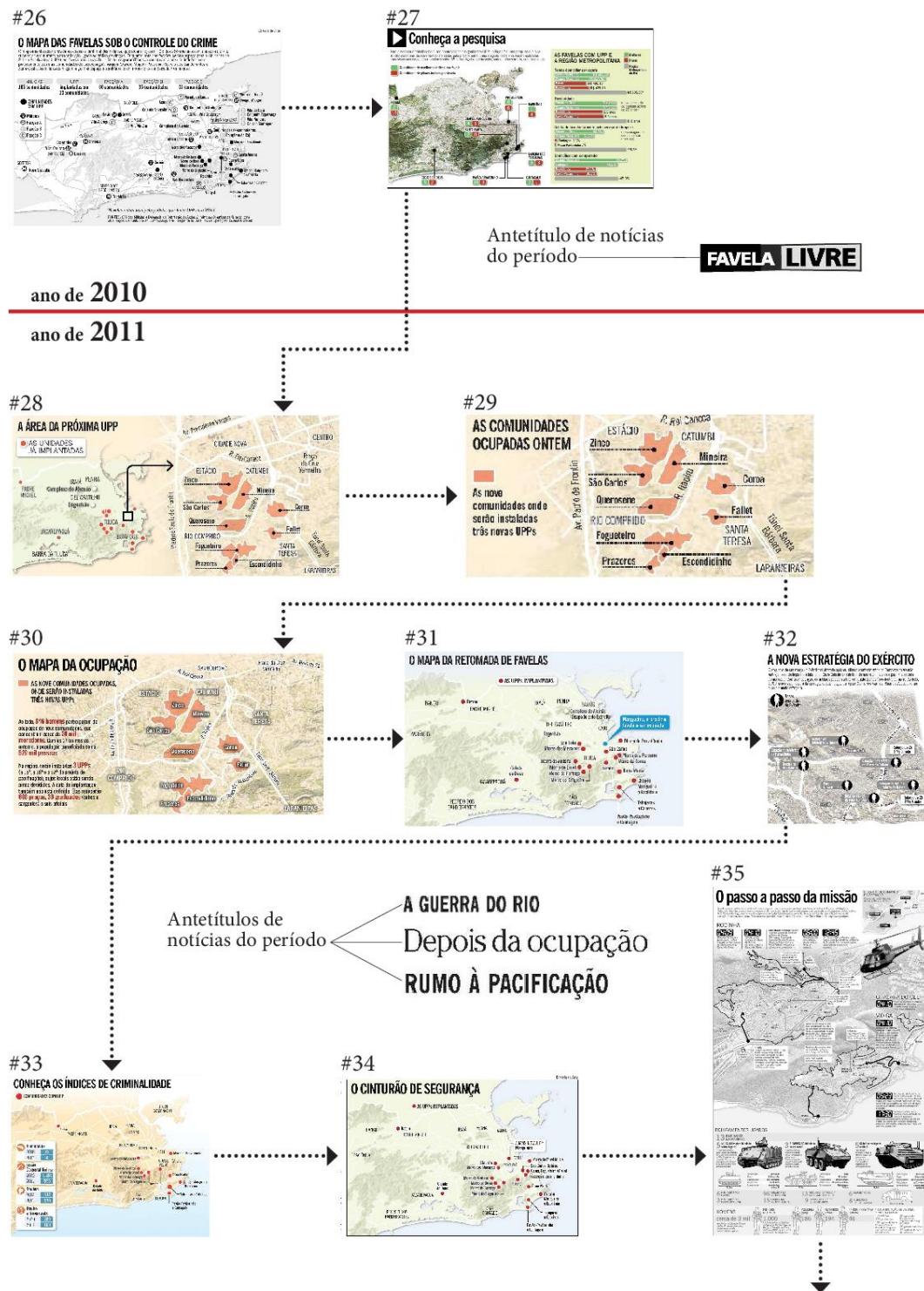
⁵² UPP aos pés do Cristo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 abr. 2013. c. Rio, p. 8.

⁵³ Um dia de tensão e morte. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jun. 2013. c. Rio, p. 17.

⁵⁴ Policia cerca favelas do Lins para implantar nova UPP. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 out. 2013. c. Rio, p. 12.

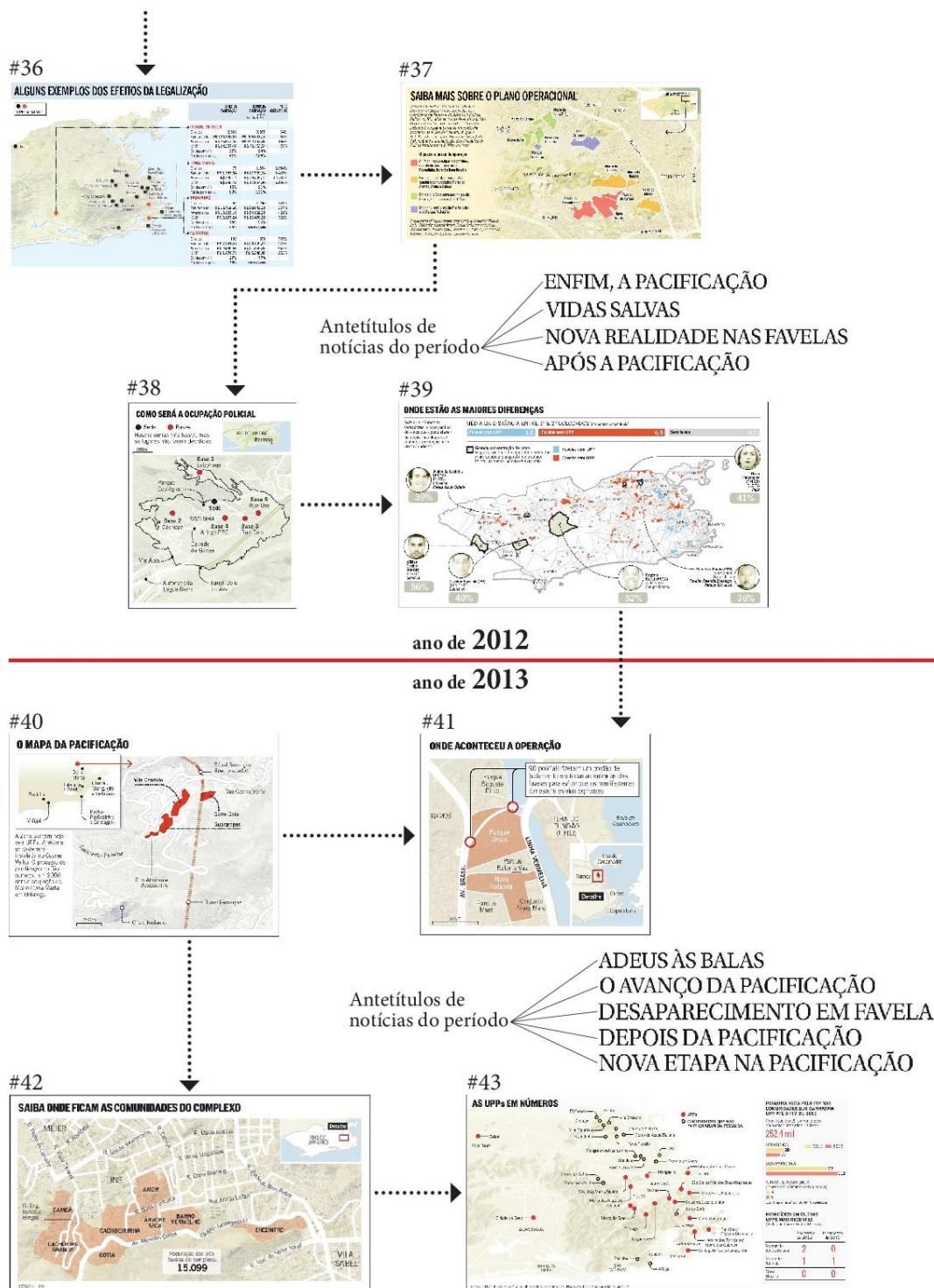
⁵⁵ A voz sem medo dos que não tinham vez. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 dez. 2013. c. Rio, p. 37.

Figura 3: Esquema gráfico com miniaturas dos mapas da Fase 3 (parte 1)



Fonte: O autor, baseado em mapas do conjunto (2017).

Figura 4: Esquema gráfico com miniaturas dos mapas da Fase 3 (parte 2)



Fonte: O autor, baseado em mapas do conjunto (2017).

Na Fase 4 (Tabela 5), o discurso do *O Globo* sobre as UPPs tornou-se mais cauteloso, refletindo uma diminuição no entusiasmo em relação ao programa. O otimismo das fases anteriores deu lugar a uma crescente incerteza sobre o futuro da política de “pacificação”. Essa mudança de tom se expressou não apenas na frequência reduzida da publicação de mapas sobre o tema, mas também

no tamanho desses mapas (ver Tabela 6). Visualmente, os mapas desta fase são os mais austeros e abstratos do conjunto, como ilustrado na Figura 5. No período que abrange a Fase 4, que vai do final de março de 2014 até meados de novembro de 2015, os conflitos relativos às UPPs se tornaram mais visíveis, sendo as notícias acompanhadas de antetítulos como “Ameaça à pacificação”, “Ataque à pacificação”, “Obstáculos à pacificação” ou “Desafios da pacificação”.

Tabela 5: Lista de mapas da Fase 4

Mapa	Título	Data
#44	Os locais de confronto ⁵⁶	22/03/2014
#45	Saiba mais sobre a Maré ⁵⁷	25/03/2014
#46	Conheça os detalhes da operação ⁵⁸	4/04/2014
#47	Conheça o local onde ocorreu a ação ⁵⁹	24/04/2014
#48	Saiba mais sobre a comunidade ⁶⁰	26/04/2014
#49	Escalada da violência ⁶¹	7/04/2015
#50	A força de pacificação ⁶²	30/06/2015
#51	Conheça os números ⁶³	17/11/2015

Fonte: O autor (2017).

Se na Fase 2 o discurso sobre a “guerra do Rio” estimulou a publicação de mapas, o mesmo não ocorreu nos conflitos relativos às UPPs noticiados durante a Fase 4. Dentre os conflitos do período está a ocupação policial e militar do Complexo da Maré, que demandou grandes contingentes da polícia e das forças armadas, como mostrou a matéria “Exército entra na Maré com 4 mil homens”⁶⁴, mas que não foi noticiada como sendo uma guerra.

No recorte temporal adotado por esta pesquisa, o último mapa do conjunto foi publicado no dia 17 de novembro de 2015, enquanto que a última página com notícia sobre as UPPs em 17 de setembro de 2016⁶⁵. A partir da análise dos mapas e das notícias coletadas para este estudo, pode-se concluir que o discurso do *O Globo* sempre foi favorável às UPPs, embora não tenha sido homogêneo. Ao longo do tempo, o apoio do jornal variou entre uma celebração entusiástica e uma postura mais cautelosa. Essas variações influenciaram diretamente o aspecto visual e o conteúdo dos mapas, afetando sua frequência de publicação. Um fator notável que parece ter estimulado a produção intensiva de mapas foi quando a cobertura das operações policiais e militares para a instalação das UPPs foi retratada como sendo uma guerra. Isto pode ser reconhecido nos mapas da Fase 2, que se

⁵⁶ Reforço para as UPPs. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 mar. 2014. c. Rio, p. 10.

⁵⁷ Mais que complexo: tráfico e milícia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 mar. 2014. c. Rio, p. 9.

⁵⁸ Forças armadas ocupam a Maré amanhã com 2700 militares de tropas de elite. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 abr. 2014. c. Rio, p. 10.

⁵⁹ Bailarino foi baleado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 abr. 2014. c. Rio, p. 10.

⁶⁰ Uma UPP cercada de nada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 abr. 2014. c. Rio, p. 12.

⁶¹ Sem bala, sem prova. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 abr. 2015. c. Rio, p. 8.

⁶² Cerco policial marcará hoje a saída de tropas federais da Maré. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 jun. 2015. c. Rio, p. 11.

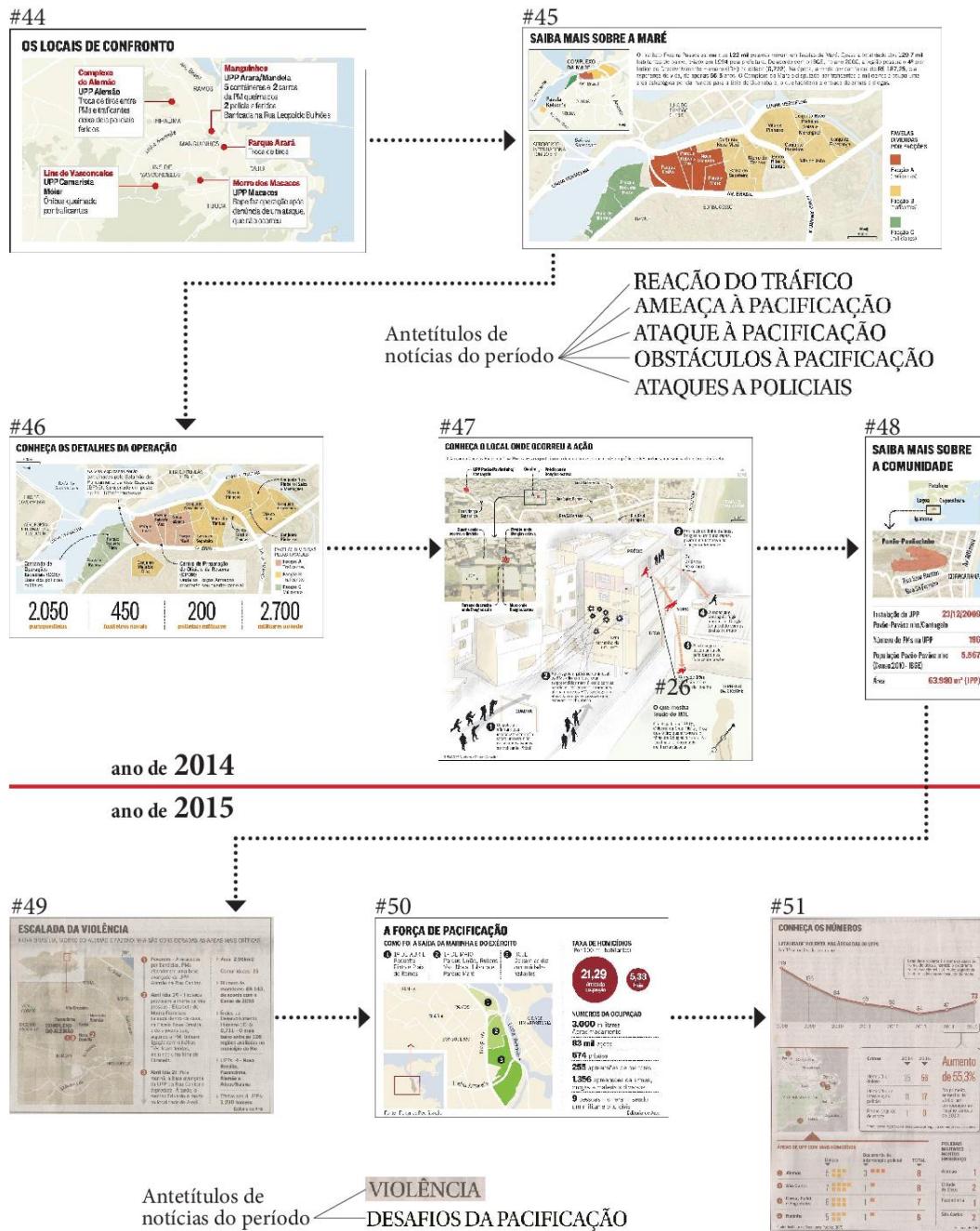
⁶³ Mais mortes nas áreas com UPP. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 nov. 2015. c. Rio, p. 8.

⁶⁴ *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 mar. 2014. c. Primeiro Caderno, p. 1.

⁶⁵ Policiamento é reforçado no Alemão após ataque a PMs. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 set. 2016. c. Rio, p. 12.

destacaram pela alta frequência de publicação — 13 mapas em apenas 8 dias — e pela extensa área que ocuparam nas páginas do jornal em relação às outras fases (Tabela 6).

Figura 5: Esquema gráfico com miniaturas dos mapas da Fase 4



Fonte: O autor, baseado em mapas do conjunto (2017).

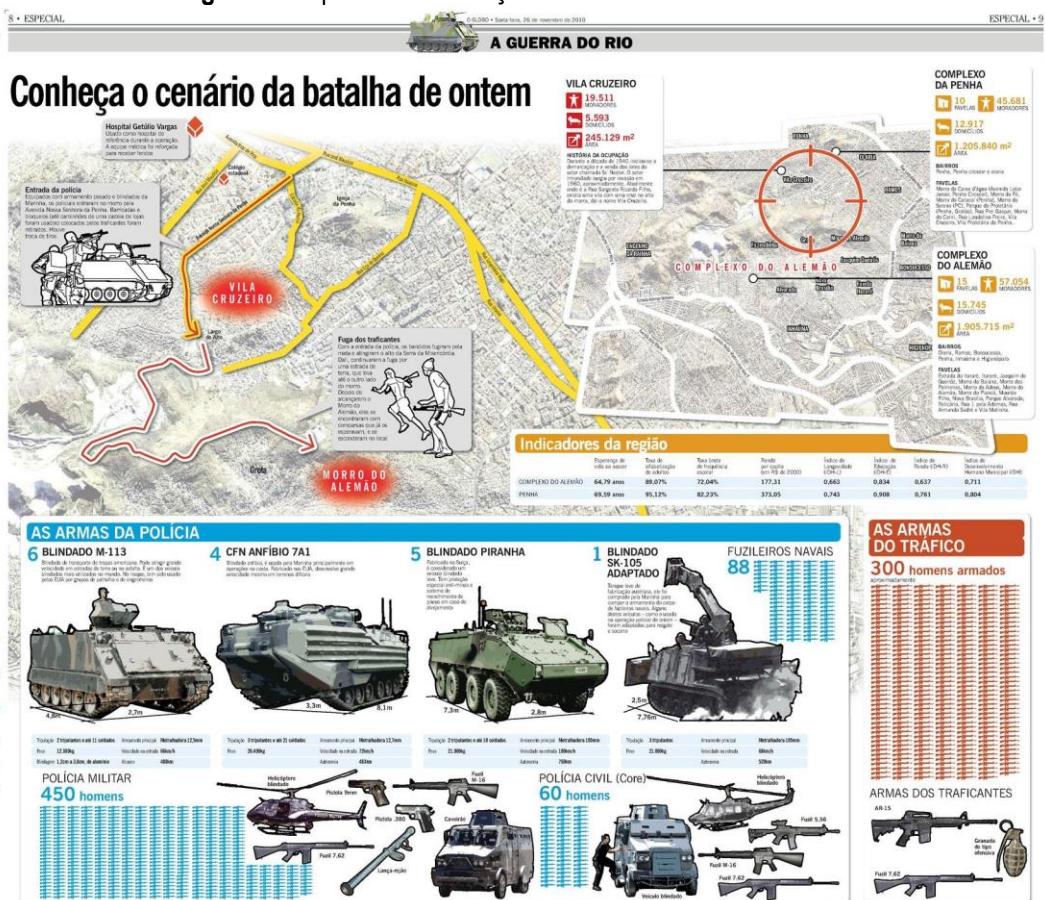
Tabela 6: Dados por fase dos mapas sobre a UPP do O Globo

Fase	Área do mapa na página (%)	Número de mapas	Dias de duração da fase	Frequência de mapas por dia
1	15,0	12	373	≈0,032
2	52,0	13	8	1,625
3	16,9	18	1093	≈0,016
4	9,9	8	606	≈0,013

Fonte: O autor (2017).

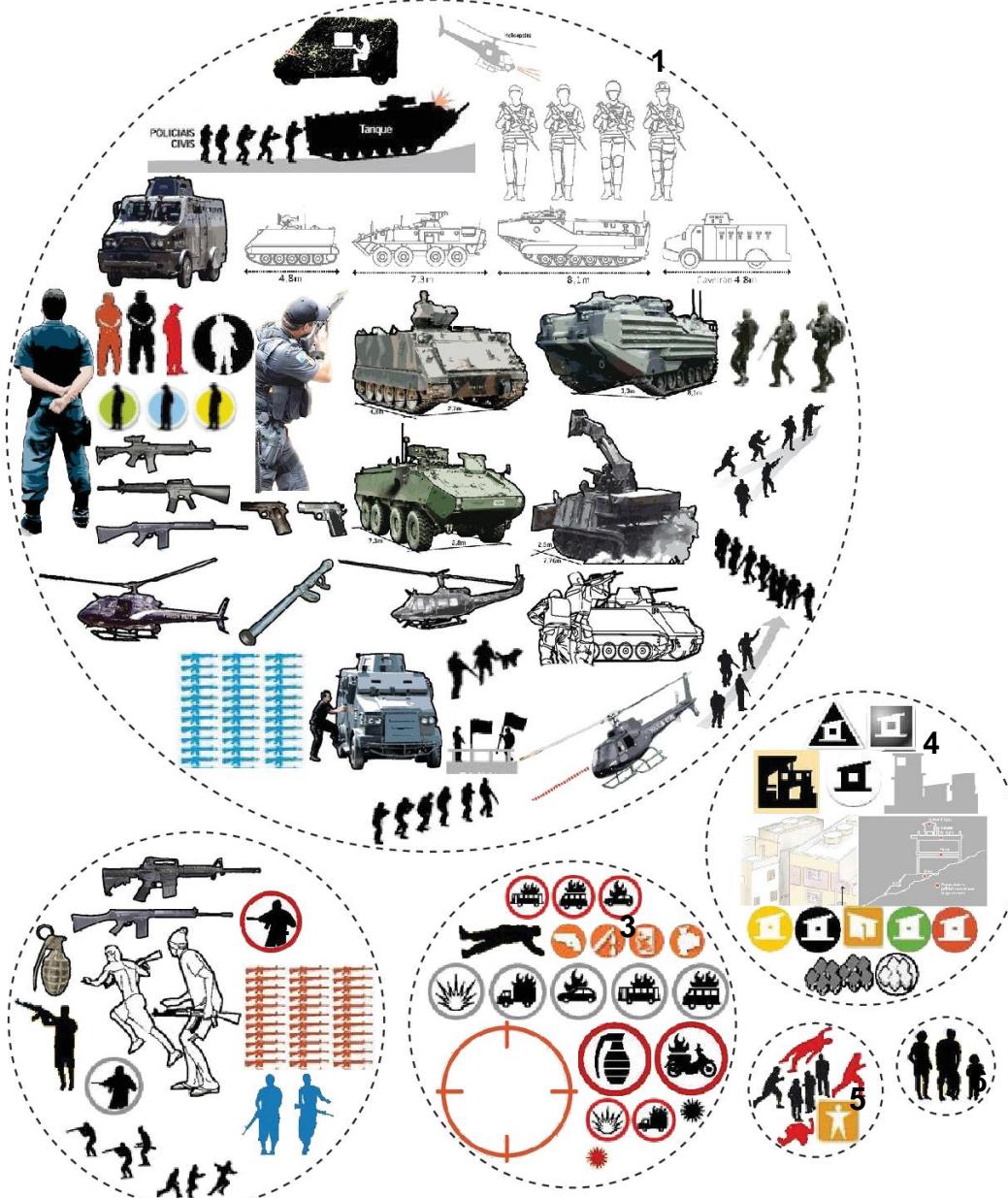
Os resultados apontaram que a narrativa jornalística dos conflitos armados relacionados à implantação das UPPs, quando retratada como uma guerra, impulsionou a publicação de mapas no jornal O Globo. Esse fenômeno é particularmente relevante porque, historicamente, o desenvolvimento dos mapas jornalísticos tem sido fortemente influenciado pela cobertura midiática de guerras, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, o que ajudou a moldar tanto a frequência de mapas em jornais impressos quanto a sua linguagem visual (RISTOW, 1957; MONMONIER, 1989; GREEN, 1999; COSGROVE e DELL DORA, 2005). Assim, o discurso da “guerra do Rio” foi determinante para que se produzissem mapas de dimensões maiores, publicados com frequência muita acima da média e visualmente mais elaborados, a exemplo do mapa #16 (Figura 6).

Figura 6: Mapa #16 - “Conheça o cenário da batalha de ontem”.



Fonte: Conheça o cenário da batalha de ontem. O Globo, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. c. Especial, p. 8 e 9.

Figura 7: Elementos figurativos nos mapas divididos em categorias



Fonte: O autor, baseado em mapas do conjunto (2017).

A análise visual destes 51 mapas sobre as UPPs a partir das categorias de silêncio e hierarquia (HARLEY, 2009) foi crucial para entender como O Globo representou a favela nestes mapas. De acordo com Harley (2009), “assim como certos exemplos de escritas ou de falas, os mapas exercem uma influência social, tanto por suas omissões quanto pelos elementos que elas representam e valorizam” (p. 12). Nos mapas jornalísticos analisados, houve uma forte omissão da população e dos aspectos sociais da favela, com uma ênfase exacerbada em figuras associadas ao conflito armado, reduzindo a complexidade do território da favela a um “cenário de batalha”. Nesse discurso jornalístico da “guerra do Rio”, a favela foi representada como o território específico do Rio de Janeiro onde o

Estado faz a guerra para produzir a “pacificação” para toda a cidade. Na hierarquia visual desses mapas, a representação da polícia e das forças armadas emergiu como o elemento predominante, superando em importância e destaque os demais elementos. A Figura 7 mostra um levantamento de todos os elementos decorativos e símbolos cartográficos figurativos encontrados nos mapas do conjunto, agrupados em seis categorias: 1. polícia e forças armadas; 2. narcotráfico; 3. violência; 4. favela; 5. morador da favela; 6. morador do Rio de Janeiro.

A representação pictórica da polícia e das forças armadas nos mapas analisados tem um destaque superior ao de outros elementos figurativos, evidenciando uma mudança significativa na forma como as favelas foram representadas em mapas jornalísticos já que, anteriormente, os mapas jornalísticos enfatizavam o narcotráfico e as facções envolvidas (NOVAES, 2014). Em contraste, no conjunto de mapas atual, a polícia, as forças armadas, seus veículos e armamentos são os elementos mais proeminentes. Essa nova ênfase visual marca uma atualização na representação das favelas em mapas jornalísticos, corroborando a hipótese de que esses mapas “têm sido usados para substituir a imagem de uma cidade dominada pelos traficantes de drogas por uma nova, com a presença da UPP mostrando novo controle sobre favelas” (NOVAES, 2014, p.18).

Considerações finais

Com base nos resultados do presente estudo, concluiu-se que os mapas jornalísticos aqui analisados deram continuidade à representação das favelas como epicentros do crime e da violência, embora atualizada pela incorporação da presença policial e militar e da retórica da guerra. Este tipo de discurso belicista pode ser conectado à expressão de uma *cultura da guerra* identificada por Stephen Graham (2017) na gestão de espaços urbanos contemporâneos, onde a militarização é um dispositivo central na organização das cidades a partir da lógica da vigilância, controle e repressão, sendo “tentativas drásticas de traduzir antigos sonhos militares de onisciência e racionalidade altamente tecnológicas para o controle da sociedade civil urbana” (p. 23). O repertório da guerra como organizador das políticas públicas para as áreas de população de maioria negra na cidade do Rio de Janeiro “se constitui a partir do uso indiscriminado da força, da violência e da produção do terror, do horror e da morte” (MAGALHÃES, 2020, p. 14). A população das favelas e suas questões sociais, econômicas, políticas e culturais seguiram sendo excluídas dos mapas jornalísticos, que frequentemente têm sido usados para enfatizar um imaginário sobre esse território pelo viés da ameaça e do conflito armado.

Esta pesquisa documentou como os mapas podem ser integrados aos discursos jornalísticos de ampla circulação, um fenômeno relevante para o debate acadêmico na área da Geografia,

especialmente no contexto da teoria crítica do mapa. A análise de mapas jornalísticos é fundamental para entender como veículos midiáticos de grande porte utilizaram esses mapas para criar narrativas espaciais sobre territórios historicamente criminalizados e estigmatizados, como as favelas. É crucial investigar o papel desses mapas como representações visuais que moldam o conhecimento geográfico do público e avaliar até que ponto um mapa jornalístico pode conferir autenticidade às representações desses espaços e influenciar a construção de imaginários espaciais específicos.

Referências

- ABREU, M. de A. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. *Espaço & Debates*, n. 37, p. 34-46, 1994.
- AZÓCAR, P.; BUCHROITHNER, M. *Paradigms in Cartography: An Epistemological Review of the 20th and 21st Centuries*. Berlim: Springer, 2014.
- BARREIRA, M. Cidade Olímpica: sobre o nexo entre reestruturação urbana e violência na cidade do Rio de Janeiro. In: BRITO, F.; OLIVEIRA, P. R. de (orgs.). *Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BRITO, F.; OLIVEIRA, P. R. de (orgs.). *Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- CANO, I.; RIBEIRO, E. A seletividade das "Políticas de Pacificação" no Rio de Janeiro. In: SANTOS, A.; SANT'ANNA, M. (Org.). *Transformações territoriais no Rio de Janeiro do século XXI*. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.
- CARDOSO, C. O espaço e o lugar na favela: as diferentes representações e identificações sobre a Favela da Maré, Rio de Janeiro. *Geosul*, v.30, n.59, p. 145-166, 2015.
- COSGROVE, D.; DELL DORA, V. Mapping Global War: Los Angeles, the Pacific, and Charles Owens's Pictorial Cartography. *Annal of Association of American Geographers*, v. 95, n. 2, p.373- 90, 2005.
- CRAMPTON, J. *Mapping: A Critical Introduction to Cartography and GIS*. Oxford: Wiley, 2010.
- CRAMPTON, J.; KRYGIER, J. An Introduction to Critical Cartography. *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, n. 4 (1), 2006. p. 11-33.
- FRANCO, M. *UPP - A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro*. 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- GRAHAM, S. *Cidades sitiadas: o novo urbanismo militar*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- GREEN, D. Journalistic Cartography: Good or Bad? A Debatable Point. *The Cartographic Journal*, v. 36, n. 2, p. 141-153, 1999.
- HARLEY, J. B. Deconstructing the Map. *Cartographica*, v. 26, n. 2, p. 1-20, 1989.
- HARLEY, J. B. Mapas, saber e poder. *Confins* [online], v. 5, p. 1-24, 2009.
- HARLEY, J. B. A nova história da cartografia. *O Correio da UNESCO*, v. 19, n. 8, p. 4-9, 1991.
- LEITE, M. P. Entre a 'guerra' e a 'paz': Unidades de Polícia Pacificadora e gestão dos territórios de favela no Rio de Janeiro. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 7, n.4, p. 625-642, 2014.
- MACHADO DA SILVA, L. A. A experiência das UPPs: Uma tomada de posição. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 8, n. 1, p. 7- 24, 2015.
- MAGALHÃES, A. A guerra como modo de governo em favelas do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, p. e3610600, 2020.
- MONMONIER, M. *Maps with the news: the development of American journalistic cartography*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

- MOUILAUD, M.; PORTO, S. *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UNB, 2002.
- NOVAES, A. R. Favelas and the divided city: mapping silences and calculations in Rio de Janeiro's journalistic cartography. *Social & Cultural Geography*, v. 15, p. 201-225, 2014.
- NOVAES, A. R. *Fronteiras Mapeadas - Geografia Imaginativa das Fronteiras Sul-Americanas na Cartografia da Imprensa Brasileira*. 370 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- PEREIRA, P. Legitimando a pacificação: Uma análise da cobertura jornalística sobre as UPPs. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 13, n. 02, p. 367-389, 2020.
- RISTOW, W. Journalistic Cartography. *Surveying and Mapping*, v. 17, n. 4, p.369-390, 1957.
- ROCHA, L.; PALERMO, L. 'O morro está na calmaria': Mídia impressa e o repertório da paz no contexto da pacificação. *Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 8, n. 1, p. 25-40, 2015.
- RODRIGUES, L. *A Unidade de Polícia Pacificadora através dos mapas do jornal O Globo: uma narrativa da conquista territorial da favela carioca*. 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- RODRIGUES, L. Os mapas jornalísticos sobre as Unidades de Polícia Pacificadora como representação visual do favelismo. *Espaço e Cultura*, n. 39, p. 179-204, 2016.
- ROSE, G. *Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. Londres: Sage publications, 2001.
- SOUZA, M. L. de. Militarização da questão urbana. *Lutas Sociais*, n. 29, p.117-129, 2012.
- ZALUAR, A.; ALVITO, M. *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.